

## OS DEVERBAIS NA CONSTRUÇÃO TEXTUAL DO GÊNERO EDITORIAL

André William Alves de ASSIS  
Universidade Estadual de Maringá  
assis.awa@gmail.com

**Resumo:** Neste trabalho propomos um estudo sobre o uso de substantivos de base verbal que carregam consigo a rede argumental dos verbos que os deram origem, os deverbais. Para que possamos verificar qual o papel desse tipo de substantivo na construção do gênero editorial de opinião, selecionamos como *corpus* dois textos publicados no jornal Folha de São Paulo em momentos distintos. Na análise, observamos que nesse gênero os deverbais além de exercerem função textual encapsuladora e coesiva, são de maioria bivalentes marcados pela presença de substantivos abstratos que contribuem para a produção de um texto subjetivo, parcial. Os deverbais evidenciam a opinião/posicionamento do produtor do texto, contribuem assim para um alto grau de informatividade dos editoriais.

**Palavras-chave:** Deverbal; textualização; editorial; opinião.

### 1. Introdução

Um tipo de produção que merece destaque no jornal é o gênero editorial. Por ser um gênero opinativo, sua estrutura composicional está recheada de características que dão sustentação à opinião que se quer (re)produzir, entre essas características estão os deverbais, substantivos abstratos oriundos de verbos que mantém a estrutura argumental de sua origem. Como a utilização desses deverbais é considerável dentro dos textos, neste trabalho objetivamos responder a pergunta “Quais os papéis dos deverbais para a construção do gênero editorial?”.

Para que possamos caminhar no sentido de uma resposta, abordaremos inicialmente questões referentes à valência do substantivos, uma vez que os deverbais mantém a estrutura argumental dos verbos que são originados, o que nos permite abordar esse tema para uma compreensão mais abrangente da estrutura argumental desse substantivo que remete à rede argumental do verbo.

Levantaremos também questões relacionadas aos gêneros e especificamente ao gênero editorial, para que possamos conhecer nosso objeto de análise sob uma perspectiva Bakhtiniana (gêneros) e Bronckartiana (produção textual). Para análise, selecionamos um editorial publicado em 2010 a fim de observamos as ocorrências dos deverbais e buscar a resposta de nossa pergunta o que nos permitirá, então, apresentaremos nossas conclusões sobre a pesquisa.

### 2. A valência dos substantivos - Os deverbais

Tradicionalmente, o processo de formação de nomes provenientes de verbos tem sido chamado de nominalização. As nominalizações deverbais são nomes derivados de verbos ou de bases verbais, caracterizados por serem, em geral, predicados por argumentos cuja interpretação pode ser descrita através de relações temáticas, o que muito se aproxima com a

estrutura argumental do verbo que derivam, por isso na maioria dos casos o seu significado pode ser explicado pelas propriedades das bases verbais e a seleção de argumentos também estará a ele vinculado.

Como os nomes deverbais e os deadjetivais conservam, em princípio, a estrutura do predicado de que derivam (verbos e adjetivos), seus argumentos também guardam as funções e os papéis semânticos que desempenhavam na estrutura primitiva do predicado. (NEVES, 1999, p.93)

Camacho (2005) assevera que quando um falante seleciona um deverbal para seu discurso ele o faz em relação à sua função textual-discursiva, o que possibilita ao falante inserir novos ou retomar referentes no discurso (o dado e o novo), o que evidencia a função textual e o estatuto informacional do deverbal. Essas formas deverbais serão selecionadas pelo produtor do texto quando necessárias à utilização de um conceito verbal em uma estrutura nominal que atenda as suas necessidades pragmáticas no momento da enunciação. Essa escolha não é aleatória e sim cognitiva, cumpre papel fundamental na comunicação uma vez que a estrutura argumental verbal mantém-se na transição para a estrutura argumental deverbal, dessa forma as características do verbo que funcionou como base para a composição do deverbal são passados sem prejuízos.

É importante salientar que, neste trabalho, substantivos são vistos como função e não como classe, posicionamento de Camara Jr. (2009). Os parâmetros de análises que aproximam verbos e deverbais são, marcadamente, a transitividade, a rede argumental de ambas as categorias solicitadas para a completude textual.

### 3. O gênero editorial

Para o Círculo de Bakhtin, algumas condições específicas relacionadas ao objetivo da comunicação, de acordo com a esfera em que os enunciados circulam, elaboram “tipos relativamente estáveis de enunciados”, chamados por Bakhtin (2003, p.262) de “os gêneros do discurso”. Os gêneros estão sempre inseridos dentro de um contexto social, segundo Marcuschi (2008, p. 154), “a comunicação verbal só é possível por algum gênero”,

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 301).

Para Bakhtin (2003, p. 302) a “variedade dos gêneros do discurso é muito grande”, imensidão também apontada por Fiorin (2003, p. 61), ao dizer que “Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade” .

São três, para o círculo de Bakhtin, as características principais dos gêneros: o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional.

Para definir os gêneros discursivos, um dos aspectos destacados é o fato de que eles transitam por todas as atividades humanas e devem ser pensados, culturalmente, a partir de temas, formas de composição e estilo (BRAIT, 2005, p. 88)

Essas características manifestam-se simultaneamente no *continuum* enunciativo concreto (BAKHTIN, 2003), é no momento da enunciação que se definirá como essas características deverão ser empregadas, “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 113).

Em relação à produção textual do gênero do discurso, Bronckart (2006) afirma que o agente do gênero escolhido deve mobilizar algumas de suas representações sobre os mundos para produzir seu texto. Essa mobilização se dá em duas direções, a primeira, no que diz respeito ao contexto da produção textual, esses conhecimentos vão exercer um controle pragmático ou ilocucional sobre alguns aspectos da organização do texto; por outro lado, são requeridas representações como conteúdo temático (ou referente), essas representações vão influenciar os aspectos locucionais ou de clarativos da organização textual.

Quanto ao contexto de produção, observamos mais especificamente que é, segundo Bronckart (2006), um conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado. Os fatores que exercem uma influência necessária sobre a organização dos textos estão reagrupados em dois conjuntos: do mundo físico e do mundo social e subjetivo.

Marcadamente ideológico, o editorial de jornal reflete os posicionamentos dos jornais frente aos fatos polêmicos atuais da sociedade e de interesse de seus leitores. Nada parcial, nesses editoriais o jornal deixa de lado a imparcialidade para se posicionar, dar opinião, criticar, fazendo com que o leitor acredite no ponto de vista alí levantado sobre os mais diversos assuntos.

[...] uma notícia qualificada, porque fere e representa o foro íntimo do veículo. É uma notícia engajada, porque geralmente se envolve em busca de definição e escolha. É uma notícia exclusiva porque emite uma opinião própria. É uma notícia de profundidade, porque não se limita à superfície dos fatos e incorpora autoridade, consistência e hierarquia ao seu conteúdo. O seu estilo é o da persuasão e sua linguagem a mais direta possível. O editorial trabalha em cima dos fatos e também a propósito deles, o que deixa entrever uma anterioridade, uma antecipação formal que valoriza as possibilidades e as evidências para lastrear o juízo de valor (BAHIA, 1990, p. 99-100)

Embora o jornalismo preze a imparcialidade ao noticiar fatos, o editorial define e expressa o ponto de vista do veículo ou da empresa responsável pela publicação sendo parcial ao posicionar-se, mesmo que na maioria das vezes não seja assinado representando assim a instituição jornal.

Evidentemente trata-se de um texto opinativo/argumentativo e as estratégias para que o texto seja bem construído e atenda à finalidade de sua produção são diversas, a própria seleção de acontecimentos a serem abordados ou então o apagamento/exclusão/ausência de determinados acontecimentos mostra que ao recortar fragmentos da realidade o jornal se posiciona tanto selecionando quanto excluindo; “ [...]é o lugar da ancoragem ideológica, delimitando a que parte do universo temático do jornalismo ele se refere...” (RODRIGUES, 2001, p.132)

Possuem ainda posicionamento relevante dentro do jornal,

O posicionamento do editorial no jornal costuma refletir o seu carácter nobre entre todos os gêneros jornalísticos. Habitualmente é posicionado logo na primeira página, ou nas páginas editoriais, assim designadas porque são o espaço dedicado por excelência às principais colunas, crônicas e artigos de opinião sobre os temas fortes da atualidade. (SOUSA, 2004, p. 100)

Característico do jornalismo impresso e marcadamente opinativo os editoriais são excelentes fontes para se trabalhar estratégias argumentativas com os alunos, observando o uso crítico da língua em sua função de posicionamento, de argumentação.

#### 4. Análise

Para que pudéssemos observar as ocorrências dos deverbais no gênero editorial de opinião, delimitamos a amostra de um texto veiculado pelo Jornal *Folha de S. Paulo* em 2010. O texto que nos serve de material de análise é o seguinte:

## Crédito educativo

O MINISTÉRIO da Educação reabriu as inscrições do programa que financia os estudos de universitários na rede privada. Remodelado, o Fies (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior) cobra agora juros mais baixos, com parcelas de pagamento fixas e prazo maior para que a dívida seja quitada após o fim do curso.

As novas regras têm o objetivo de recuperar a importância do programa. Criado em 1999, na gestão Fernando Henrique Cardoso, o Fies já beneficiou mais de meio milhão de universitários, mas vinha perdendo espaço para o ProUni —que oferece bolsas que não precisam ser restituídas.

Havia reclamações de que os critérios da Caixa Econômica Federal para conceder os financiamentos eram muito rígidos, enquanto as condições de pagamento mostravam-se pouco compatíveis com a renda de recém-formados que tentavam obter vaga no mercado de trabalho.

Não por acaso, o Fies enfrentava sérios problemas de inadimplência. Em meados de 2009, os atrasos afetavam mais de 50 mil contratos dos cerca de 250 mil que estavam em fase de quitação.

Neste ano, o MEC transferiu a gestão do programa para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e reduziu os juros de 6,5% para 3,4% ao ano. Há recursos para conceder até 200 mil financiamentos —em 2009, só 35 mil solicitaram o benefício.

A reformulação do programa é bem-vinda e integra o objetivo do governo de ampliar o acesso da população de baixa renda ao ensino superior. É necessário, porém, que essas medidas de inclusão sejam acompanhadas pela fiscalização mais rígida da qualidade dos cursos oferecidos.

Ninguém quer tomar um empréstimo para adquirir um bem inexistente ou de má qualidade. No fim das contas, o prejuízo não recairá apenas sobre o aluno, mas sobre toda a sociedade.

#### Texto 1 – Crédito Educativo

O texto 1 foi publicado em 05 de maio de 2010. Não nos ateremos aos elos do conteúdo temático existentes nesse enunciado com o restante do jornal, nem ao estilo dos autores. Interessa-nos observar a estrutura composicional por meio de um movimento de descrição dos deverbais em direção as suas funcionalidades textuais. Este texto, resumidamente, marca um enunciador que critica o sistema de crédito educativo do Brasil, ao mesmo tempo em que elogia o novo programa adotado pelo governo naquela época. É marcadamente opinativo.

Quantitativamente, no texto 1 encontramos a ocorrência de 16 deverbais, distribuídos por todo o editorial de acordo com sua valência/rede argumental da seguinte forma:

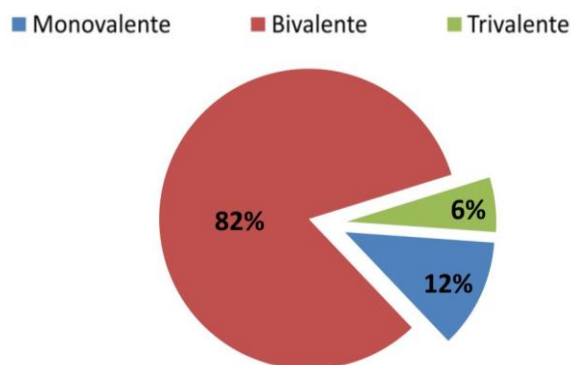


Gráfico 1. Ocorrências dos deverbais

Como podemos observar, a quantidade desses nomes é significativa para a construção do texto, pois o autor do editorial utiliza-se de diferentes deverbais, com diferentes estruturas argumentais, que estão marcadas em todo o texto estruturando-o, funcionando inclusive como elemento coesivo na estruturação do enunciado.

No texto sob título “Crédito educativo”, encontramos os deverbais como: Inscrições, Remodelado, parcelas, pagamentos, reclamações, condições, renda, vaga, gestão, desenvolvimento, reformulação, objetivo, fiscalização e prejuízo; todos de base verbal que carregam consigo a transitividade dos verbos que os originou.

Observemos agora como se processam as redes argumentais nos exemplos abaixo:

Verbo	A1	INSCREVER	A2	
Deverbal	Ministério da Educação reabriu	inscrição	Do programa.	

Verbo	A1	OBJETIVAR	A2	A3
Deverbal	Governo	objetivo	Ampliar o acesso da população de baixa renda	ao ensino superior

Todas as demais ocorrências podem ser representadas como os exemplos acima, pois evidenciam que os substantivos exigem os mesmos argumentos que os verbos de que são origem. A utilização dos deverbais contribui para que o texto fique marcadamente opinativo, contribuindo então para o grau de informatividade do texto uma vez que os substantivos abstratos exigem complementos para uma maior compreensão do que se é exposto e renovam, constantemente, os referentes dentro do texto:

Substantivo	Complemento
Parcela	De pagamento
Objetivo	De recuperar a importância do programa.
A Gestão	Do programa
Essas medidas	De inclusão

O emprego de demonstrativos definidos em alguns deverbais relaciona-se com o processo de referenciação textual, construindo sentidos e dando progressão ao texto e suas estratégias de coesão.

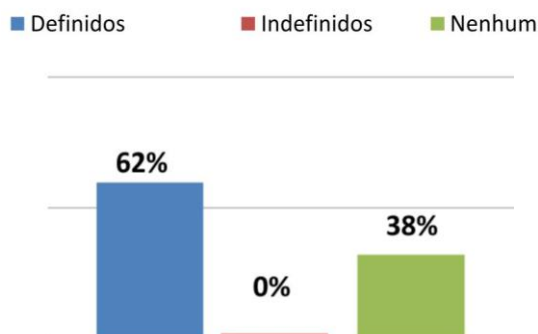


Gráfico 2. Emprego dos demonstrativos

O uso do definido aumenta a proximidade de posicionamento da utilização do deverbal, sendo mais avaliativo e possibilitando uma definição mais precisa dos elementos anteriormente selecionados.

Alguns deverbais exercem também a função de encapsuladores<sup>1</sup>. São substantivos de base verbal constituídos por nomes abstratos acompanhados ou não por demonstrativos definidos. Por meio desses encapsuladores os deverbais permitem a reconstrução do objeto discursivo do enunciado; ao recategorizar mudanças ou modificações podem ocorrer no sentido do texto, marcando, inclusive, o posicionamento do seu produtor. Um exemplo pode ser observado em “A reformulação do programa” em que se substitui avaliativamente todo o parágrafo anterior do texto, ao mesmo tempo em que marca o posicionamento/opinião do produtor do texto que vê nessa nova formulação uma boa medida do governo, refletindo uma intenção, um ponto de vista desse produtor.

O deverbal utilizado como encapsulador possibilita ao falante introduzir um novo referente no discurso ou retomar uma predicação já enunciada no texto precedente, situação que vincula a função textual e o estatuto informacional dessa classe. Ainda em relação à “reformulação”, observa-se uma dupla afetação, ou seja, uma ação em relação a algo já afetado – formular o que já está formulado – o que enfatiza argumentativamente o posicionamento do produtor do texto em relação a formula antiga de (des)crédito.

Os dêiticos também estão presentes, em “essas medidas de inclusão” também há um encapsulamento do que é exposto anteriormente e o dêitico essas funciona como um localizador/identificado do objeto discursivo dentro de um contexto espacial/temporal construído no *continuum* enunciativo.

O que podemos evidenciar no texto em tela é que a presença dos deverbais contribui para um alto grau de informatividade, uma vez que esse índice não está relacionado à quantidade de conteúdo de um texto e sim às novidades informacionais nele presentes o que pode ser mensurado em relação à utilização dos deverbais. Quanto mais introdução de diferentes referentes no texto, maior será o grau de informatividade. O valor referencial do substantivo é determinado pelo discurso.

Não há no texto a ocorrência de deverbais que não solicite nenhum argumento, ou que solicitem quatro; o que está de acordo com o exposto por Ilari e Neves (2008). No texto há ainda ocorrência dos deverbais trivalentes (2 ocorrências), trata-se daqueles deverbais que tem em sua rede argumental três argumentos. No entanto, a maioria ainda é dos bivalentes com percentual de 82% no texto, essa intensificação não é por acaso.

[...] uma análise do sistema de transitividade de um texto permite elucidar como os sentidos foram construídos, porque é possível descrever o que está

<sup>1</sup> Entendemos encapsuladores como recursos coesivos pelo qual um sintagma nominal, no caso o substantivo deverbal, funciona como uma paráfrase que resume uma porção precedente do texto. (CONTE, 2003).

sendo dito sobre um determinado assunto e como as mudanças na construção do significado estão sendo realizadas. (CUNHA, 2007, p. 62)

A maior incidência de deverbais oriundos de verbos transitivos diretos está relacionada ao gênero editorial que se utiliza desses verbos para posicionar-se (autor/jornal/veículo) ao mesmo tempo em que relata um acontecimento, sendo a utilização dos deverbais bivalentes mais prototípica em relação a esse gênero, pois revelam a preferência/opinião dos produtores do texto em relação ao tipo de evento mais representado no discurso.

As escolhas dos deverbais utilizados pelos editorialistas no texto parece determinar a relação pressuposta entre o significado das palavras e a sua orientação argumentativa, com o intuito de nomear, de fazer referência a atos e processos como algo abstrato ou como resultado concreto, posicionam-se em relação ao fato, a notícia. A utilização de expressões e de ideias abstratas no gênero editorial contribuem para a caracterização dos textos como opinativos, subjetivos.

A relação do verbal com a progressão textual também evidencia-se no texto, pois o movimento de ligação entre as informações dadas associadas às informações novas é de suma importância para que o texto progrida, são responsáveis portanto pela coesão textual, pelo grau de informatividade do texto. Nesse sentido o uso dos deverbais apresenta-se como mecanismo satisfatório ao produtor de editoriais que o utiliza por sua função textual de encapsulamento, de referenciação, de coesão, de recategorizador textual.

Como o texto é repleto de abstratos, o discurso passa a ser mais intrincado, menos estabilizado como seria com a ocorrência maior de adjuntos. Os deverbais abstratos deixam o texto mais subjetivo e a notícia veiculada deixa de ser meramente informada ao leitor, deixa de relatar fatos, e passa a relatar mais a opinião do repórter ou do jornal, por isso o gênero editorial é opinativo.

Os complementos dos deverbais exigidos pelos substantivos deverbais reiteram a impossibilidade de um texto ser imparcial, as ocorrências em quantidade significativa mostram justamente a parcialidade do jornalista/produtor do texto deixando o texto altamente subjetivo, marcadamente argumentativo.

As seleções desses abstratos são escolhas conscientes (cognitivas) de um produtor de texto que sabe o que faz, sabe do resultado positivo que eles darão para a produção do seu texto, dos encadeamentos e recategorizações necessárias para o grau de informatividade do texto que não seja baixa demais nem alta demais para que seu interlocutor possa entender a notícia por ele exposta sem se perder no *continuum* enunciativo da produção textual.

## 5. Conclusão

Neste trabalho, fizemos um percurso teórico-analítico no sentido de observar porque os deverbais possuem rede argumental e quais são as contribuições desses substantivos para a produção textual do gênero editorial. Na análise, foi possível observar que os deverbais fazem parte da estrutura composicional do editorial e apresentam-se como mecanismos que satisfazem as necessidades enunciativo-pragmáticas do produtor do texto ao representar opinião do jornal por meio das funções textuais de encapsulamento, coesão, recategorização textual que deram maior progressão ao texto.

A quantidade significativa desses substantivos de base verbal justifica-se em relação ao gênero, pois evidenciam a opinião/posicionamento do produtor do texto ou instituição por ele representada, contribuindo assim para um texto opinativo, argumentativo, com alto grau de informatividade, característico do editorial.

## 6. Referências

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica** : História da Imprensa Brasileira. V. 1, 4 ed. São Paulo: Ática, 1990.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 277-326.

\_\_\_\_\_. Volochinov, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. In: MACHADO, A. R.; MATENCIO, M. L. M. (Orgs.). Tradução de Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matencio et al. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

CAMACHO, R.G., SANTANA, L. **A expressão argumental dos nomes deverbais**. Estudos Lingüísticos. São Paulo, v.32, 2004.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CONTE, M. E. **Encapsulamento anafórico**. In Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003.

CUNHA, M. A. F da; SOUZA, M. M. de. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, M. H. M. **Gramática do Português Falado**. (org.) Vol. VII: Novos estudos. São Paulo/Campinas: Humanitas, 2009.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. São Paulo: PUC, Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da LInguaagem, 2001. (Tese de doutoramento)

SOUSA, J. P. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação**. Florianópolis-SC: Letras Contemporâneas, 2004.